



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **ADAPTAÇÃO CURRICULAR: UMA VISÃO PSICOPEDAGÓGICA FRENTE ÀS DEMANDAS DE AUTISMO NA ESCOLA**

Maria do Desterro Silva Sousa<sup>1</sup>; Eduarda Pereira do Nascimento<sup>1</sup>; Thereza Sophia Jácome Pires<sup>1</sup>

*UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/desterro87@gmail.com*

**Resumo:** O estudo ora apresentado teve como objetivo geral analisar as estratégias de adaptação curricular empregadas por psicopedagogos em escolares autistas. Trata-se de uma pesquisa de campo que contou com a participação de 5 psicopedagogos que lidam com demandas de autismo em escolas da cidade de João Pessoa. O instrumento de pesquisa utilizado foi um roteiro de entrevista semiestruturada com oito questões que versam sobre o trabalho do psicopedagogo no tocante às estratégias de adaptação curricular para autistas. A pesquisa foi realizada individualmente e teve, em média, 30 minutos de duração. Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo de Bardin, no qual foram elencadas três categorias de análise: currículo, adaptações curriculares e métodos. Os resultados indicaram que os psicopedagogos fazem adaptações baseadas em critérios, como o gosto do aprendiz, os recursos disponíveis na instituição e as condições que o professor tem para desenvolver esse trabalho. Ademais, foi usado como referência o método TEACH, uma vez que possibilita uma variação nos tipos de adaptações. Por fim, conclui-se que as adaptações são indispensáveis para que o autista adquira novas habilidades, aprenda coisas novas a sua maneira e seja incluído efetivamente num contexto de escola regular.

**Palavras-chave:** adaptação curricular, autista, psicopedagogo.

### **Introdução**

Falar de autismo pressupõe uma série de interrogações quanto aos aspectos da própria definição, etiologia e tratamento. O que as pesquisas evidenciam atualmente é que este transtorno abrange uma série de sintomas que variam de pessoa para pessoa. Tais comportamentos considerados atípicos aparecem desde o nascer e vão se diversificando antes mesmo do terceiro ano de vida (FACION, 2005).

Ao receber o diagnóstico de autismo, geralmente as crianças estão na fase inicial de alfabetização, momento crucial para o desenvolvimento de novas habilidades, e de perturbação para a escola que, muitas vezes, não dispõe de profissionais habilitados e nem de materiais adequados para facilitar o acesso do autista ao currículo comum e, conseqüentemente, a inclusão em sala de aula. Nesse contexto, o psicopedagogo se insere para atuar junto à equipe pedagógica, a fim de elaborar propostas de adequação do currículo às necessidades do aluno com transtorno de



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

aprendizagem. Dessa forma, verifica-se a necessidade de saber como este profissional atua em demandas de adaptações curriculares, especificamente, em casos de autismo.

Define-se adaptação como um conjunto de medidas que envolvem a avaliação e o planejamento de estratégias a serem utilizadas na prática docente, com vistas a otimizar o desempenho cognitivo e social de alunos com transtornos ou dificuldades de aprendizagem. (BRASIL, 2001). Esses procedimentos devem envolver todos os agentes responsáveis direta ou indiretamente pelo desenvolvimento do aprendiz, a saber: professor, psicopedagogo, coordenador da escola, família e, o próprio aluno, quando possível.

Ao considerar as flexões do currículo escolar, nota-se que a temática traz inúmeras contribuições às pesquisas acadêmico-científicas, para a Psicopedagogia e a sociedade em geral, uma vez que possibilita a construção de novos olhares sobre a atuação psicopedagógica na inclusão de alunos com autismo; estimula o desenvolvimento de novos estudos que assim como este poderão dar sustento ao arcabouço teórico da Psicopedagogia; e beneficia os autistas e a comunidade escolar na orientação de práticas curriculares voltadas para as necessidades desse aprendiz.

Com base nestas perspectivas, o presente trabalho tem como objetivo geral, analisar as estratégias de adaptação curricular empregadas por psicopedagogos em escolares autistas da rede pública e privada da cidade de João pessoa. Assim, para a realização dessa ação foram elaborados alguns objetivos específicos, a saber: verificar a concepção de psicopedagogos sobre adaptação curricular; descrever algumas práticas de adaptação curricular realizadas com autistas na escola; e, por fim, conhecer os métodos pelos quais o psicopedagogo se orienta para atuar em uma demanda de adaptação curricular para autista.

## **Metodologia**

A presente pesquisa se caracteriza como exploratória, visto que o pesquisador busca ampliar o entendimento sobre um assunto que não se apresenta de maneira clara. Neste caso, a proposta é produzir conhecimento acerca do tema, de maneira que haja um esclarecimento perante a comunidade dos fatos e agentes que embasam a problemática estudada. No que se referem aos



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

objetivos, os mesmos foram formulados para serem respondidos por meio de uma pesquisa de campo cujos dados foram analisados sob uma perspectiva qualitativa.

A pesquisa foi executada com um grupo de 5 (cinco) psicopedagogos institucionais do sexo feminino, cujas idades variaram de 25 a 39 anos. Estes profissionais são graduados pela Universidade Federal da Paraíba-UEPB e atuam em escolas (públicas e privadas) na cidade de João Pessoa.

O instrumento de coleta de dados adotado foi o roteiro de entrevista semiestruturada, o qual possibilita ao pesquisador certa flexibilidade para incluir outros tópicos que, por ventura, não foram incluídos, mas que na oportunidade se sobressaíram no diálogo com o entrevistado. Este, por sua vez, tem mais abertura para expor sua fala e sanar suas dúvidas durante a interação com o entrevistador. Além deste recurso, foi utilizado um pequeno questionário caracterizado como dados sociodemográficos, o qual contém: idade, sexo, profissão, nível de escolaridade, tempo de exercício da profissão, instituição e local de atuação.

Assim, à princípio foi feito um contato, via e-mail e telefone, com os psicopedagogos institucionais, no qual explicou-se em linhas gerais de que se tratava a pesquisa e, em seguida, após o consentimento dos profissionais foi agendado as datas e horários dos encontros para a coleta de dados.

Antes de dar início às entrevistas, os participantes foram informados de que todas as informações prestadas, bem como a autorização para registro e divulgação dos dados são mantidas em sigilo absoluto, conforme assegurado na assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, baseado nos preceitos éticos vigentes para a realização de pesquisas com seres humanos, defendidos pela Resolução n. 466/12 do CNS/MS.

O roteiro de entrevista que norteou a pesquisa é constituído por 8 perguntas relacionadas aos conhecimentos teóricos e práticos dos participantes sobre adaptação curricular. A coleta de dados ocorreu de maneira individual e teve, em média, a duração de 30 minutos sendo complementada com os dados sociodemográficos do profissional.

Tendo em vista a sistematização dos resultados obtidos por meio dos instrumentos e procedimentos mencionados acima, os dados foram analisados por meio da utilização do método de Análise de Conteúdo de Bardin (2009), e dividido em três fases: a primeira, denominada pré-análise



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

que consistiu na transcrição das falas dos participantes; a segunda etapa ocorreu com a análise geral do conteúdo organizado; a terceira e última parte, se referiu ao tratamento dos dados que envolve uma análise mais detalhada, assim como a interpretação dos resultados, conforme a literatura abordada.

### Resultados e Discussão

Para compreender o sentido dos resultados encontrados, retoma-se o objetivo geral da presente pesquisa, o qual consiste em analisar as estratégias de adaptação curricular empregadas por psicopedagogos em escolares autistas. Assim, para responder a este objetivo, buscou-se verificar a concepção de psicopedagogos institucionais sobre adaptação curricular; descrever algumas práticas de adaptação curricular utilizadas com autistas; conhecer os métodos pelos quais o psicopedagogo se orienta para realizar uma adaptação curricular em casos de autismo na escola.

Os psicopedagogos entrevistados foram denominados de P1, P2, P3, P4 e P5, de modo a preservar a identidade dos mesmos, e para facilitar o tratamento dos dados. Deste modo, para dar início à investigação, cada participante foi questionado sobre o que entendia de currículo, e assim obteve-se as seguintes respostas:

P (1) *Eu entendo que currículo são as questões didáticas, os procedimentos de como trabalhar os conteúdos com a criança. Eu entendo pouco sobre currículo.*

P (2) *Eu entendo o currículo como algo que tem de ser feito para cada realidade, ou seja, levando em consideração todos os contextos do aluno.*

P (3) *Currículo é toda a necessidade, as demandas da escola que compõe a prática de ensino, o planejamento das temáticas que serão abordadas ao longo do ano letivo.*

P (4) *O currículo escolar é o termômetro da prática pedagógica, quando pensado com o objetivo de atender as necessidades dos alunos e suas especificidades.*

P (5) *Currículo escolar se refere aos conteúdos que serão trabalhados ao longo do ano.*

Com base no conteúdo das falas, percebe-se que o currículo é visto por estes psicopedagogos como uma espécie de manual que contém toda uma descrição concreta das temáticas necessárias à aprendizagem dos alunos, e do modo de como estas serão exploradas na escola. Tal perspectiva constitui um dos conceitos aceitos pela literatura, mas de acordo com



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Guedes; Hattge; Lopes (2011), o currículo é bem mais amplo do que se imagina, uma vez que ele também atinge os níveis de pensamento das pessoas que têm ou tiveram contato com ele. Em outras palavras, as diferentes concepções de currículo ajudam a construir a identidade do aprendiz, a compreender por que pensa e age de tal maneira e não de outra.

Tendo em vista a necessidade de aprofundar no contexto da temática pesquisada, os entrevistados foram questionados se consideravam ser necessário haver mudanças no currículo para atender aos autistas. Neste quesito foi respondido que:

P (1) *Acho que sim. Deve ter modificações no currículo, mas não deve fugir das orientações propostas pelo MEC. Então se a criança com autismo está numa fase de aprender “RR” e você vê que ela tem condições de aprender isso, é feita uma adaptação no conteúdo de forma diferente do que o livro traz para ser feito. Agora existe casos que não tem como você fazer adaptações, aquele assunto o autista não conseguirá aprender. Ele tem que aprender outras coisas, como ir ao banheiro, lavar as mãos, ficar numa fila...*

P (2) *Totalmente necessário! Como a gente estudou na graduação em Psicopedagogia, ‘cada indivíduo é um ser único’. Então se o autista que geralmente traz comorbidades não tiver um currículo adaptado não terá uma aprendizagem significativa. A adaptação deve ser para cada escola, para cada série e cada aluno com necessidades...*

P (3) *Eu vejo que é necessário, sim, haver adaptações no currículo para atender às demandas de autismo, principalmente porque na escola onde trabalho não há pessoas capacitadas para lidar com autismo. Embora esses autistas tenham um cuidador em sala de aula, estes não são preparados para atendê-los...*

P (4) *Totalmente! A prática pedagógica deve ser sensível aos sintomas que os alunos apresentam ao longo do processo de ensino aprendizagem, muito embora tais sintomas não estejam unicamente relacionados ao currículo.*

p (5) *Sim. O currículo deve ser flexível adequando-se ao autista e a realidade local.*

Conforme relatado pelos profissionais da pesquisa, pode-se verificar que houve uma unanimidade ao concordarem que deve haver adaptações curriculares para subsidiar os escolares autistas. Quando a escola demanda o aprendizado de certos conteúdos e não considera o estilo de aprendizagem de cada aluno, o resultado pode ser o desinteresse ou a dificuldade de aprendizagem



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

diante do que é trabalhado (STAINBACK et al, 1999). Sendo assim, infere-se da fala dos participantes que o currículo precisa ter sentido para quem está aprendendo, independente dos graus de deficiência ou do contexto sociocultural dos aprendizes. Por mais que a escola tenha um currículo como referência, os educadores devem oferecer estratégias de flexibilização desse instrumento, de modo a suscitar as potencialidades dos alunos que apresentam necessidades individuais.

Ao serem indagados se as mudanças no currículo favorecem ou limitam o desenvolvimento dos autistas, os psicopedagogos responderam:

P (1) *As adaptações são excelentes, favorecem muito quando bem feitas. Mas requerem que o psicopedagogo conheça de perto a demanda, porque as informações que o professor me traz não são suficientes para eu saber se aquilo que pretendo adaptar é coerente para o caso. Eu não oriento nenhum profissional a realizar adaptação sem conhecer o aprendiz.*

P (2) *Favorece também. Embora tenha que ser pensada de acordo com as reais necessidades do autista. Não adianta também trazer qualquer atividade sem objetivo e pensar que está sendo feita adaptação curricular.*

P (3) *Tem os dois lados. Favorece no sentido de oferecer cuidador, materiais para complementar os outros da sala regular. Mas, por outro lado, não adianta o autista a escola está recheada de jogos educativos se os profissionais que lidam com o autista em sala de aula não são capacitados para explorar esses recursos. Então, para o psicopedagogo sozinho fazer um trabalho de conscientização em torno das adaptações demora muito tempo e requer apoio dos gestores da instituição.*

P (4) *Com certeza podem favorecer, no entanto, é fundamental identificar a real necessidade do aluno, considerando que os alunos com características do espectro podem se adaptar normalmente ao ensino regular.*

P (5) *Tudo que venha a facilitar a aprendizagem do mesmo, só tem a contribuir.*

Na fala dos entrevistados observa-se que há o reconhecimento dos benefícios que uma adaptação curricular pode propiciar ao autista. No entanto, é preciso ter conhecimento para propor ou realizar essa flexibilização, pois cada aprendiz tem seus gostos, conhecimentos e expectativas diferentes do outro. Portanto, se não houver clareza quanto ao que será feito e possivelmente



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

alcançado, a ação perde o sentido e se transforma em passa-tempo tanto para o professor que não assimilou as orientações quanto para o autista que não foi beneficiado, e continuará com seu repertório de interesses restrito.

Em relação às estratégias de adaptação realizadas com o autista na escola, a psicopedagoga (P1) assim relatou: *eu oriento que os professores façam as adaptações voltadas para a demanda principal, leitura e escrita. As adaptações são muito baseadas no método TEACH, onde são usados materiais concretos e contextualizados, como figuras de situações em sala de aula, jogos com personagens de interesse do autista, letras em tamanho bastão e com diferentes texturas. Cada caso é um caso.*

P (2) *Método perceptivo, TEACH. As atividades são adaptadas no momento de sua realização, e são poucas, pois as turmas da escola onde trabalho são numerosas e o professor faz o que está dentro de suas possibilidades.*

P (3) *A adaptação curricular na escola é voltada para a intervenção direta com o autista. As necessidades de formação continuada para os professores são deixadas no currículo oculto. Por isso, quando a ideia é colocada em prática não dá certo, devido os professores e cuidadores não dominarem a teoria sobre autismo e adaptação curricular. A adaptação que faço é pegar os diários dos professores e fazer sugestões de atividades complementares.*

P (4) *Na sala de aula é a mediação individualizada por parte do professor.*

P (5) *É orientado a utilização de imagens reais com assuntos de seu interesse. Os professores dão um tempo maior para completar a tarefa e passam as orientações de maneira que não sejam cansativas, instruções curtas.*

Neste eixo, duas psicopedagogas (P1 e P2) citam a influência do método TEACH na adaptação do currículo para autistas. Certamente, para aplicar estes instrumentos na rotina escolar, os professores recebem o apoio de profissionais habilitados, como o psicopedagogo institucional que juntamente com o docente elaboram um planejamento de atividades e materiais a serem utilizados com o autista. A disponibilidade de métodos destinados a pessoas com o espectro possibilita averiguar o que mais se encaixa dentro da variedade de sintomas apresentados por esses aprendizes, inseridos em escolas com diferentes perspectivas sobre a educação inclusiva.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Outro aspecto a ser destacado é que os psicopedagogos atribuem ao professor um papel essencial no desenvolvimento de estratégias que configurem uma adaptação curricular coerente para os autistas. Este é o grande desafio, pensar atividades que abranjam os diferentes níveis de habilidades e conhecimentos dos aprendizes, e, ao mesmo tempo, que estabeleçam um vínculo de união entre os membros do grupo em prol de um único objetivo, aprender (STAINBACK et al., 1999). O professor também precisa ser estimulado a inovar, experimentar novos caminhos e, sentir-se acompanhado nessa caminhada. Assim, como todo início não é fácil, se faz necessário a colaboração e permanência integrada da equipe ao longo desse projeto.

Toda ação é baseada em objetivos e, estes, por sua vez, são elencados tomando-se por base determinados critérios. Quando questionados sobre os aspectos considerados relevantes numa proposta de adaptação curricular para autistas, os entrevistados, assim, responderam:

P (1) *Todas as atividades são planejadas de acordo com o gosto do aprendiz. Por exemplo, um dos autistas da instituição onde atuo adora desenhar. Então, as minhas adaptações são baseadas em atividades que envolvam a exploração de desenhos. Digo isso porque sei que é mais prazeroso fazer o que a gente gosta do que aquilo que é simplesmente obrigatório ser feito.*

P (2) *Os critérios que eu levo em conta é justamente as dificuldades que o professor tem para apoiar o autista. Eu tenho de fazer um trabalho em consonância com as possibilidades do espaço e da pessoa que está ensinando. Tem também a avaliação que é feita sobre o que o autista mais gosta, sente necessidade e facilidade para desenvolver.*

P (3) *Me baseio no gosto deles, na possibilidade de aprender coisas novas com os materiais disponíveis na escola.*

P (4) *A especificidade do autista, as potencialidades que o aluno apresenta e, sobretudo, as condições metodológicas e estruturais da instituição.*

P (5) *Na hora de sugerir ou planejar tem que ser levado em conta o gosto do aluno, as expectativas da escola e da família, pois a aprendizagem se dá numa tríade: família, escola e aluno.*

O psicopedagogo atua diante de um processo investigativo em relação às condições de aprendizagem dos aprendizes com TEA. Por isso, é necessário identificar as suas preferências, as condições que lhes são oferecidas dentro da escola para se desenvolver, e quais os déficits que precisam ser trabalhados para melhorar o seu desempenho geral. Considerar todo o aparato físico e



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

estrutural que compõe a escola ajuda a pensar em adaptações coerentes com a realidade local e individual. É fato que realizar uma adaptação curricular para autista nem sempre é fácil, principalmente em decorrência da grande variação de sintomas, os quais são agrupados em graus e orientam, em parte, o reajuste da escola às demandas educacionais.

Numa adaptação curricular é necessário tomar algumas medidas práticas para que os resultados dessa abordagem sejam positivos. No caso dos psicopedagogos entrevistados eles afirmaram que devem ser adotados os seguintes procedimentos:

P (1) *Conhecer a criança e, nessa adaptação a escola tem que ter um pouco de paciência para compreender o ritmo da criança; introduzir os conteúdos do currículo comum e contar com o apoio da família para compartilhar informações e reforçar o trabalho da escola em casa.*

P (2) *Primeiramente, fazer uma observação do aluno autista; ter uma conversa com a família para verificar como é a vivência desse aluno fora da escola; falar com os professores, a fim de obter mais informações sobre o comportamento do autista em sala de aula; e sentar com ele para elaborar um planejamento de currículo que corresponda às particularidades do caso.*

P (3) *É preciso conversar com os professores para saber quais as capacidades e dificuldades que o autista apresenta; convocar a família e os profissionais que lidam com esse autista para buscar mais informações e parceria na elaboração de práticas educativas.*

P (4) *A mediação individual realizada por um cuidador qualificado; a utilização contínua de um quadro de rotina visual (lúdico); a valorização do aluno autista respeitando suas potencialidades linguísticas, cognitivas, físicas e emocionais.*

P (5) *Antes de realizar uma adaptação curricular se faz necessário que o psicopedagogo conheça bem o aluno. Para isso, deve realizar uma anamnese com a família dele, aplicar testes com o aluno e ter uma conversa com os pais.*

Tomando como referência a fala dos participantes em relação às adaptações percebe-se que a maioria deles se apoia nos procedimentos de uma avaliação psicopedagógica, a qual segundo Álvarez; Coma (2008) é entendida como uma ação complexa de investigação e troca de informações sobre os elementos ligados ao ensino-aprendizagem do sujeito, neste caso, o autista. Apesar de na escola essa avaliação se despir de muitos instrumentos da atuação clínica, é necessário tê-la em mente antes de realizar qualquer intervenção na conjuntura pedagógica, principalmente em



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

se tratando de demandas específicas que requerem uma releitura das práticas curriculares consagradas na instituição.

A escola é um sistema no qual integram vários agentes ligados direta ou indiretamente com as propostas pedagógicas. Quando se trata de aprendizes com algum transtorno de aprendizagem, como o espectro autismo, o grupo tende a se ampliar devido à necessidade de orientação de especialistas que entendam do assunto. Em face disso, os psicopedagogos foram questionados acerca das pessoas que podem colaborar na efetivação das práticas de adaptação curricular com autistas, os quais responderam:

P (1) *Na questão da rotina a família é importante, na questão didática, de conteúdo mesmo. A fonoaudióloga é necessária nas estratégias de linguagem. O psicólogo para orientar as questões emocionais. Não é à toa que vou me reunir com uma fono de uma das crianças da escola pra saber como é o trabalho dela com esse aprendiz. Eu mantenho contato com os profissionais e familiares desses alunos pelo Watzapp.*

P (2) *Os agentes são escola, família e sociedade porque se a escola não anda lado a lado com a família e, esta não aceita as orientações da primeira, então por mais que a escola tente realizar o seu papel de educadora, em casa esses ensinamentos não serão reforçados.*

P (3) *Primeiramente, a família. Por exemplo, na escola a gente trabalha com o autista o controle dos esfíncteres, mas em casa os pais não reforçam esse comportamento. Por isso, é preciso aproximar a família do cotidiano escolar do filho autista. O cuidador e o professor em sala de aula lidam diretamente com o autista, eles podem ajudar muito.*

P (4) *Professores e toda a equipe técnica.*

P (5) *A escola, a família, o próprio aluno e os profissionais que atendem o autista fora da escola.*

Segundo os relatos dos profissionais, a família é a primeira instância a quem se deve recorrer para buscar apoio e informações na perspectiva de um trabalho eficaz, seguida de outros profissionais envolvidos com o caso. No trabalho psicopedagógico institucional, uma equipe bem engajada compartilha suas experiências, ouve as dificuldades do colega e pensa em ações criativas que possam ser aplicadas na prática de cada um.

No último tópico da entrevista, os participantes responderam quais os métodos nos quais se orientam para elaborar um planejamento de atividades adaptativas, conforme descrito a seguir:



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

P (1) *Eu uso muito o método fônico e o TEACH, onde o professor é orientado a trabalhar a conscientização dos fonemas e os procedimentos básicos da rotina escolar.*

P (2) *O método TEACH, pois através dos materiais utilizados, do concreto ele vai adquirir a noção de conceitos práticos e se enquadrar numa rotina.*

P (3) *O TEACH, pois fiz um curso de aprofundamento na área e considero o mais eficiente para os autistas. Os outros utilizo de maneira inconsciente, não planejada.*

P (4) *Não há um único método considerando que na instituição a atuação é coletiva e o aluno autista precisa ter acompanhamento clínico paralelo ao da escola. Dessa forma, as adaptações vão sendo feitas de acordo com as orientações do profissional clínico.*

P (5) *Sigo os métodos empregados no item 5, que se resume em metodologias multissensoriais e concretas.*

A predominância na utilização do método TEACH, demonstra que os psicopedagogos têm a preocupação em compartilhar com os outros profissionais os subsídios encontrados em programas clínicos e educativos que podem ser adequados à dinâmica escolar e aos casos de transtornos de aprendizagem, como o autismo. Não se trata de transformar a escola numa clínica, mas de mostrar aos professores que eles podem usar os princípios de alguns métodos para otimizar a sua atuação no tocante à educação inclusiva. Muitas vezes, eles até utilizam de maneira inconsciente essas abordagens.

Mediante os resultados obtidos foi verificado que os objetivos foram respondidos. Através das palavras-chave selecionadas, *currículo, adaptações curriculares e métodos* foi possível estabelecer uma conexão entre as falas dos participantes e chegar a um sentido geral. Com isso, percebe-se que a maneira de como os psicopedagogos percebe o currículo define a postura adotada diante das adaptações curriculares. Em outras palavras, se todos o consideram um elemento norteador das práticas educativas, que se relaciona aos conteúdos e técnicas necessários ao bom funcionamento da escola, então, conseqüentemente, irão propor estratégias que o tornem um instrumento com significado para o que dele se servem, neste caso, educadores e educandos.

Na categoria *métodos* foi percebido que os psicopedagogos adaptam as suas técnicas considerando a estrutura física do local, as necessidades dos professores e os gostos dos autistas. As atividades são pensadas do ponto de vista prático e com o propósito de incluir a família e todos os



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

demais profissionais envolvidos no processo para, assim, formar uma rede de apoio multidisciplinar e funcional.

## Conclusões

Ao término deste trabalho, acredita-se que os resultados encontrados na pesquisa constituem pontos de referência para os profissionais da educação, notadamente os professores que lidam com escolares autistas no âmbito escolar e carecem de acesso à informação especializada antes de realizar um planejamento adaptado. Trata-se de uma proposta que inclui a participação de todos os agentes envolvidos com a demanda, na qual procura-se resgatar verdadeiramente o papel da escola enquanto instituição comprometida com o aprender e, conseqüentemente, com a inclusão social.

Tendo em vista o presente ensaio, espera-se que o mesmo sirva de instrumento para a fomentação de estudos posteriores abrangendo a atuação do psicopedagogo nas questões relacionadas ao currículo adaptável, já que a Psicopedagogia é uma área em ascensão e com um amplo espaço para pesquisas acadêmico-científicas. Por fim, conclui-se que iniciativas como estas são de grande valia para a educação inclusiva que se consolida paulatinamente no cotidiano escolar.

## Referências bibliográficas

ÀLVAREZ, Lluís; COMA, Ramon. Técnicas e instrumentos de avaliação psicopedagógica. In: BONALS, Joan; SÁNCHEZ-CANO, Manoel (org.). **Avaliação psicopedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BRASIL. **Parecer, nº 17, Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica**. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2001.

FACION, José. Raimundo. **Transtornos invasivos do desenvolvimento e transtornos de comportamento disruptivo**. Curitiba: IBPEX, 2005.

GUEDES, Betina S.; HATTGE, Morgana Domênica; LOPES, Maura Corcini. Currículo e trabalho pedagógico. In FARIA, Evangelina Maria Brito; ASSIS, Maria Cristina (org.) **Língua Portuguesa e Libras: teorias e práticas**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

STAINBACK, William et al. A aprendizagem nas escolas inclusivas: e o currículo?. In STAINBACK, Susan; STAINBACK, William. (Org.) **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artmed, 1999.